

A pessoa fotografada

Em novembro de 2005, na iminência da festa em que fui homenageada em minha cidade natal, Salto (SP), fui convidada para escrever uma autobiografia. Foi minha primeira vez, diferente de organizar o curriculum vitae ou o Lattes. Quando terminei, levei o produto para meu pai avaliar. Ele leu e comentou: “Muito bem! É assim que se faz uma autobiografia”. Senti-me feliz como uma menina de dez anos porque a avaliação vinha tanto do meu pai quanto de um grande memorialista. O convite da “Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento” levou-me a revisitar essa autobiografia para, quem sabe, aproveitar algo do seu estilo ou conteúdo. Percebo que não é possível, pois os objetivos daquela não são os mesmos desta que me disponho a escrever agora. Decido fazer um corte para um pretérito bem recente, semana passada, quando organizei meu relatório quinquenal de atividades para a Unicamp. Lá encontro o seguinte, em reprodução quase literal. Ao organizar meu relatório de atividades relativo ao período compreendido entre julho de 2008 e julho de 2013, dei-me conta de que, ao longo dos últimos cinco anos, enquanto dava aulas, estudava, pesquisava, coordenava equipes, orientava, escrevia e saía para eventos, muita coisa mudou em minha vida pessoal: casei dois filhos, ganhei duas netas e um neto consanguíneos e mais dois netos do coração; vi minha filha doutorar-se em Neurologia; perdi meu irmão e meu pai; convivo com a solidão da minha mãe. Alegrias e tristezas mesclaram-se e mesclam-se de forma nunca antes vivenciada, embora, olhando de fora, nada haja a estranhar: aprendi com a vida e com a Psicologia que, à medida que as pessoas envelhecem, ficam cada vez mais expostas a eventos estressantes de natureza incontrolável e tendem a vivenciar emoções mais complexas e conflitantes. Desejavelmente, não se desequilibram, integram as experiências à sua história e não perdem o aplomb.

Os últimos cinco anos da minha vida acadêmica ocorreram em continuidade a uma história iniciada em 1968, quando eu era recém-formada em Pedagogia e comecei a dar aulas no curso secundário, na minha cidade natal. Pouco tempo depois, ingressei na docência no ensino superior e, simultaneamente, no curso de pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. Salto ficou pequena para os meus objetivos, e mudei-me para São Paulo para estudar e trabalhar. Doutorei-me em 1975, casei-me em 1976, tivemos três filhos, continuei lecionando Psicologia na graduação e agora na pós-graduação e, no final de 1980, mudamo-nos para Campinas. Ao longo dos 15 anos seguintes, fui professora no curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC de Campinas. Em 1985, fui contratada pela Unicamp, mas já levava na bagagem a semente do que iria se constituir no centro dos meus interesses, nos 28 anos que se seguiram: a teorização, a pesquisa e o ensino de Psicologia do Envelhecimento e de Gerontologia.

Uma das principais qualidades da Unicamp é o ambiente de liberdade oferecido aos seus docentes para escolher suas linhas de pesquisa. Por causa disso, ao mesmo tempo em que eu orientava, dava aulas e publicava no campo da Psicologia Educacional, eu fui me dedicando a construir minha linha de pesquisa no campo do envelhecimento, no qual meu primeiro interesse, ainda quando docente na PUC Campinas, foi o desenvolvimento psicológico de adultos ao longo da sua história como pais e mães de bebês, crianças pequenas e na meninice, adolescentes e jovens adultos deixando o lar de origem para cumprir as tarefas evolutivas da sua vida adulta inicial. Esse tema colocou-me em contato

com a literatura associada aos paradigmas life span e life course, desconhecida no Brasil, mas então em plena ebulição no âmbito internacional. Ela iria dar sentido aos meus esforços de compreensão dos temas do desenvolvimento ao longo da vida. Em 1988, eu levei dados de minha tese de Livre Docência, sobre atitudes em relação à velhice em brasileiros não idosos, para o Congresso Internacional de Psicologia, naquele ano realizado na Austrália. Nessa oportunidade, tive a ventura de ouvir uma conferência do Dr. Paul B. Baltes, psicólogo e diretor do Instituto Max Planck para o Estudo do Desenvolvimento Humano e da Educação, em Berlim. Era um salão imenso e apinhado, como eu me acostumei a ver ao longo dos quase 20 anos seguintes, em eventos em que esse professor sempre pontificava. Passei a seguir sistematicamente suas publicações. Em 1993, a sorte conduziu-me a um pequeno congresso de psicologia do desenvolvimento onde Prof. Baltes também estava. Mais um empurrãozinho da sorte dirigiu o professor até um pôster que eu levei para esse evento. Mais outro, e eis-me às voltas com a grave decisão de aceitar seu convite para passar três meses como cientista visitante no Instituto Max Planck em Berlim. Fui, e depois, mais uma vez, novamente a convite, no segundo semestre de 1998. Avalio que esses períodos foram os eventos mais decisivos da minha carreira e de tudo o que eu viria a fazer institucionalmente em seguida.

O Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp, fundado em abril de 1997, é o fruto das circunstâncias de vida que me colocaram em contato com o primeiro grupo de orientandas que vieram estudar Psicologia do Envelhecimento comigo na Unicamp, entre 1991 e 1996; com o paradigma life-span, o Prof. Baltes e sua notável equipe e a possibilidade de estudar em Berlim; com a colaboração de colegas de vários departamentos que se interessavam por temas atinentes ao envelhecimento humano; e com a convivência com geriatras e gerontólogos brasileiros da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, à qual estou filiada desde 1985. Desde 1997, 16 anos se passaram, durante os quais enfrentamos muitos desafios, tratando de nos explicar como pesquisadores diante dos pares da Universidade, dos periódicos e das agências de fomento. Parece que, hoje, atingimos um momento de equilíbrio. Contudo, quem acredita no princípio da transitoriedade do equilíbrio no desenvolvimento humano sabe que se trata de um produto passageiro e que novas exigências nos espreitam atrás das páginas dos nossos relatórios de atividades e de nossas publicações. Haja o que houver, o importante é integrar as experiências à própria história e não perder o aplomb. Não por acaso, o tema que está me fascinando é a regulação emocional e o bem-estar psicológico, aspectos essenciais da resiliência psicológica na velhice.

Estou me dando conta de talvez já ter ultrapassado os limites da revista: Profa. Marilene Rodrigues Portella encomendou-me “uma breve história de Anita contada por Anita”. Essa forma coloquial e carinhosa de solicitar uma breve autobiografia terá sido o principal disparador para um texto muito mais pessoal e avaliativo do que o produzido na minha primeira incursão pelo gênero. O outro disparador é proporcionado pelas minhas prioridades vitais neste momento. Comparando os dois produtos, percebo que, depois de tantos anos vividos e tantas andanças pela vida, voltei para meu lugar de origem. Meu pai diria que é assim que deve ser? Penso que sim, e isso me alegra. O ano 2014 marcará minha aposentadoria, depois de 46 anos de vida acadêmica. O melhor de tudo é poder desfrutar com gosto esse momento, pensando como a profissão e a vida têm sido generosas para comigo.

* Esta história foi escrita pela própria homenageada. A professora Anita Neri foi fotografada na Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo - RS, durante o CIEEH 2012.